

# UM ESTUDO SOBRE A MORTE EM “A MENININHA DOS FÓSFOROS”, DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN

## A STUDY ON THE DEATH IN “THE LITTLE MATCH GIRL”, BY HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Jaine de Sousa Barbosa 1  
Daniela Maria Segabinazi 2

**Resumo:** Os contos de fadas têm feito parte de nossas vidas desde muito. Com suas variadas personagens e enredos, é possível aprendermos não só sobre histórias que marcaram gerações, mas acerca dos muitos temas próprios da natureza humana, tais como a morte. Essa temática está presente em grande parte dos contos e também da literatura infantil de modo geral. Sendo assim, através de uma pesquisa de cunho interpretativo, este trabalho tem por objetivo analisar a representação da morte no conto “A pequena vendedora de fósforos”, do livro *Contos de Hans Christian Andersen* (2011), de Andersen. Para tanto, realizamos a leitura do corpus escolhido e dos aportes teóricos acerca do texto literário e de como a morte pode aparecer nele. Alguns dos autores escolhidos foram Coelho (1987), Lottermann (2009) e Muniz (2006). Com história, pudemos classificar a abordagem da morte e perceber como essas representações tornam significativa a trajetória da protagonista.

**Palavras-chave:** Literatura. Morte. Contos de fada. Representação.

**Abstract:** Fairy tales have been a part of our lives for a long time. With their varied characters and plots, we can learn not only about stories that have marked generations, but about the many themes proper to human nature, such as death. This theme is present in most stories and also in children’s literature in general. So it is, from an interpretative point of view, the research aims to analyze the representation of death in the short story “The Little Match Girl” (“A menina dos fósforos”), from *Contos de Hans Christian Andersen* (2011), by Andersen. In order to do so, we performed an interpretive reading of the corpus and the theoretical contributions about the interpretation and analysis of the literary text and how death can be represented in them. Some of the authors chosen were Coelho (1987), Lottermann (2009) and Muniz (2006). With this history, we could classify the approach on death and also realize how these representations make the trajectory of the protagonist so beautiful.

**Keywords:** Literature. Death. Fairy tales. Representation.

---

Doutoranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. 1  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3644940779998407>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4229-5615>, E-mail: [jaine.barbosa\\_@outlook.com](mailto:jaine.barbosa_@outlook.com)

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. 2  
Professora do Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL/UFPB)  
e dos Cursos de Graduação em Letras. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3948051084706137>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5344-775X>.  
E-mail: [dani.segabinazi@gmail.com](mailto:dani.segabinazi@gmail.com)

## Introdução

O tema da morte permeia a vida do homem e do mundo que o cerca desde sua formação. Com tantas transformações sociais e culturais ao longo de séculos, as acepções dadas ao assunto também sofreram alterações e receberam novos olhares. O que já foi considerado parte da vida tornou-se, por volta do século XIX, objeto de exaltação e desejo (ARIÈS, 2012). A morte passou a ser romantizada e a atrair o drama, a dor, a encenação como forma de representar o sofrimento. No entanto, essa mesma visão não continuou intacta, mas, assim como as anteriores, foi acrescida de novas sensações e outros comportamentos diante dela. Ainda no mesmo século, o morrer foi sendo afastado das casas, das famílias, e criou-se sobre ele o sentimento de rejeição. Era necessário evitar a morte e até mesmo de falar sobre ela. (IM-BASSAHY, 1998). Com tantas mudanças sociais, era quase inevitável que a literatura não fosse atingida, mas já que ela é uma das formas culturais para representar a vida, por que não seria para representar a morte?

O morrer foi objeto de muitas obras, e tem sido até os presentes dias e com suas novas abordagens. A perdura do tema como um tabu ainda perpassa a vida dos homens contemporâneos e talvez isso se dê pelas infinitudes de dúvidas sobre o que é morrer e o que acontece depois da morte. Se pensarmos que o assunto está presente nos mais variados textos, seria errôneo não acreditarmos que ele também faz parte do universo infantil, embora adultos ainda tentem proteger suas crianças dos temas que parecem não fazer parte de suas vidas, quando na verdade o são. Coelho (1984) afirma que os contos que trazem em suas tramas os assuntos tabu “ensinam às crianças que, na vida real, é imperioso que estejamos sempre preparados para enfrentar grandes dificuldades.” (COELHO, 1984, p. 35). Além dela, Traça (1998) também acrescenta que “a ficção é natural à criança, permite-lhe projectar no plano do imaginário as suas angústias mais profundas, a sua necessidade de segurança.” (TRAÇA, 1998, p. 103), e, por isso, os contos seriam caminhos possíveis para tratar de temas difíceis, como a morte.

Foi pensando em compreender como ocorre essa representação da morte que este trabalho surgiu. De cunho interpretativo, o artigo tem por objetivo analisar o conto “A menina dos fósforos”, do livro *Contos de Hans Christian Andersen* (2011), do mesmo autor, levando em consideração o modo como o tema é tratado no texto. Para tanto, nos embasamos nas noções de representação propostas por Chartier (1990), bem como de autores como Ariès (2012) e Imbasahy (1998) acerca do assunto.

Bem sabemos que a morte se faz presente tanto nos contos populares, sejam contos de fadas ou maravilhosos, como em outros gêneros literários. No entanto, na era do politicamente correto, espera-se que sua representação na literatura destinada às crianças não seja construída de modo direto ou realista, uma vez que os destinatários não estariam preparados para encarar leituras em que as personagens são abandonadas em florestas ou até mesmo assassinadas por uma madrasta, por exemplo; embora o desfecho dos textos conduza o leitor ao final feliz, próprio das narrativas maravilhosas. Mas, afinal de contas, por que esses textos se apresentavam de modo realista e hoje não mais?

Antes do século XVIII, no mundo ocidental, as particularidades que distinguem a criança do adulto não existiam como há nos presentes dias. O leitor da contemporaneidade convive com a higienização de obras devido a todos os pudores e limites em torno do conceito de infância e, por essa razão, alguns temas acabam por ser atenuados (POSTAMAN, 1999). No entanto, se voltarmos um pouco no tempo, perceberemos que nos contos populares primários o tema da morte é tratado de forma natural, principalmente porque não havia um conceito de infância como o que temos hoje. Antes de passarmos a ter essa definição estabelecida e convencionada social e culturalmente, na Europa, a criança crescia nos mesmos espaços em que estavam inseridos os adultos; portanto, eram imersos no ambiente das narrativas orais que não distinguiam faixa etária ou temas específicos para elas (COELHO, 1984).

Graças a esse fator, os temas considerados tabus pela sociedade contemporânea, como sexualidade, velhice e a própria morte, não eram assim vistos anteriormente, nem no que se referia ao conteúdo dos textos, nem da vida como um todo; já que as condições de sobrevivência não eram tão favoráveis e, por essa razão, era inevitável se deparar com cenas de fome, exploração e de morte. No entanto, conforme pontua Ariès (2012), com a revolução

industrial e as mudanças na sociedade burguesa na Europa, o quadro começa a ser modificado e essas alterações também atingem os lares. Passa a existir, assim, uma concepção de família e, conseqüentemente, de infância. Dessa forma, de modo natural, os filhos passam a ocupar um espaço particular e os pais desempenham novos papéis sociais.

Devido a essas transformações sociais acerca do conceito de infância, a escola agora passa a existir como forma de dividir o espaço da criança e do adulto, e a literatura também passa a ter uma nova categoria e a ser destinada ao público infantil, concedendo aos menores um novo status dentro de uma reorganização escolar e familiar (COELHO, 1984). Os textos se associaram à pedagogia, como veículo de regras de condutas – uma vez que as narrativas eram produzidas com fins educativos – e isso resultou na produção em larga escala de uma literatura moralizante, e os contos de fadas entram como fortes exemplos disso, porque aconselhavam através das histórias, ao mesmo tempo que falavam sobre fatos comuns da vida humana através do maravilhoso e da fantasia.

Dada a desenvoltura desse novo conceito de infância, a sociedade ocidental passou a colecionar um acervo de conteúdos inapropriados para os pequenos. Postman (1999) pontua que passou a existir um universo próprio para os maiores e impróprio para menores, que continha temas como sexualidade, dinheiro, violência e morte. Essa consideração, que perdura até os presentes dias, influenciou sobremaneira a circulação dos contos de fadas. Uma comprovação disso é a obra dos irmãos Grimm, datada no início do século XIX, que teve de passar por diversos processos de higienização para limpar dos textos aquilo que poderia ferir a inocência das crianças, como questões sexuais explícitas, por exemplo, embora tenham deixado em suas narrativas cenas de violência e morte sem tamanhas alterações.

Ao contrário do que aconteceu no final do mesmo século, quando a concepção de morte foi profundamente modificada, influenciando, principalmente, a literatura, que passou a enxergar o assunto com certa beleza e dramaticidade. A obra de Andersen, autor do conto a ser analisado no trabalho em questão, é uma prova disso. Nela, é visível a representação da morte tanto de forma eufêmica e sentimentalizada, como realista, mesmo embebida dos ideais românticos vigentes na época.

Hans Christian Andersen (1805-1875) é autor de contos que filtram a ternura e o sentimentalismo do espírito momentâneo que surgia na época em que as narrativas maravilhosas estavam sendo redescobertas. Segundo Riscado (2005, p. 5), os temas de suas narrativas desenvolvem-se em torno do “núcleo constituído pelo narrador, pelas personagens – humanas, animais ou objectos – e pelas paisagens numa atmosfera de quase permanente realismo, em que o sonho, por norma, não invade a vida real.” Em sua obra, o tema da morte nos faz pensar na ideia de perenidade e de renovação, como um novo modo de enxergar a própria vida. O autor ainda pontua que, em alguns de seus escritos, o morrer “[...] transporta consigo, em muitos casos, a ideia da resignação cristã e da crença de uma vida feliz no céu, como prêmio do sofrimento na terra.” (RISCADO, 2005, p.6). Abordado dessa forma, o tema acaba por ser acentuado e demonstrar que se encontrar com Deus é um alívio para aqueles que viveram de forma pobre e sofrida no mundo. Na trajetória dessas personagens, percebemos quão influente é a sociedade em que elas estão inseridas e como Andersen demarca as diferenças sociais que perpassam a história da humanidade.

## **Pensando e repensando a morte**

A morte sempre foi uma passagem desconhecida, cheia de imprevistos, e pronta a causar medos e terrores ao homem. É sabido, desde muito, que alguns filósofos a negam, os sábios a desconhecem, que a ciência tende a repeli-la ou encontrar formas de driblá-la. Para Kovács (2002, p. 32), “todas as representações da morte estão imersas num contexto cultural”, e é por essa razão que não há como falar de morte sem compreender o que é cultura e representação.

Enxergamos a cultura como a união de particularidades apreendidas e compartilhadas por membros de uma mesma comunidade. É o legado social repassado a cada nova geração; uma união coletiva de significados e ideologias que apresentam visões de mundo e de modos de sentir e agir com características exclusivas de cada povo ou grupo social, “que representam o comportamento dos membros de uma sociedade e diferem dos aspectos do comportamento

de outras.” (PINHEIRO, 2012, p. 29). Dentro desse universo, estão a História Cultural e o conceito de representação proposto por Chartier (1990).

Para o autor, a história cultural “tem por principal objetivo identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Essa realidade cultural não se dá de forma estática e imutável, justamente pelo fato de que se há uma relação direta entre cultura e sociedade, também há entre os sujeitos que as compõem e que permanecem em constante mutação a fim de construir sua própria identidade. Sociologicamente, podemos compreender a identidade como um processo no qual o sujeito se institui a partir da interação com o meio social (PINHEIRO, 2012). A própria identidade “se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais (...) [e] existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligadas e estão em uma relação dialética”. (CUCHE, 2002, p.183 *Apud* PINHEIRO, 2012, p. 30).

Essa relação se estabelece principalmente através da linguagem, da ficção e dos muitos discursos que formam a sociedade como um todo. É por essa razão que fica evidente a influência que a linguagem exerce na construção da identidade de um povo. É por meio dela e de seus desdobramentos na representação de personagens e discursos que a fantasia acontece. E a literatura, bem como as muitas formas de arte, “traz em seu bojo toda uma gama de informações e características do universo cultural do mundo a que pertence ou a que deseje representar.” (PINHEIRO, 2012, p. 19).

Para Chartier (1990, 1990, p. 15), a representação é um dos principais conceitos utilizados “pelos homens do Antigo Regime para tentar compreender o funcionamento de sua sociedade ou definir as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo”. Por essa razão ele a tem como “pedra angular” no estudo da história cultural, uma vez que ela se constitui por meio das representações, incluindo os modos de pensar e sentir coletivos e individuais e englobando as traduções mentais que são percebidas no universo exterior ao homem. (CHARTIER, 1990). Essas traduções, conforme destaca o autor, inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Nesse campo vasto também se insere a literatura, que é construída a partir de variados universos culturais, nos quais nos deparamos com representações dos “costumes dos povos, seus hábitos, suas ideologias, seus acontecimentos históricos, para identificar as intersecções e as diferenças entre as culturas estudadas.” (PINHEIRO, 2012, p. 30). E é nesse limiar entre cultura, representação e sociedade que nossos estudos sobre a morte se sustentam.

Não há como falar do tema excluindo-o da ideia de cultura, principalmente porque cada povo enxergou a morte de uma forma, em um tempo específico e a representou com base nessas maneiras de compreendê-la. Algumas dessas representações, que serão expostas no decorrer deste artigo, nos fazem perceber quão variável é o modo de enxergar e vivenciar o momento da morte, e como a literatura é capaz de traduzir essas manifestações e de nos fazer compreender até mesmo o que é a própria morte, objeto de estudo e inspiração para tantos autores.

Vista como única certeza absoluta da vida, sobre ela são elencadas considerações constantes e há séculos. Uns na tentativa de compreendê-la, outros de evitá-la, e alguns de vivenciá-la como deve ser considerada: um ciclo parte da trajetória do homem. À medida que os anos passam, são muitos os questionamentos e estudos sobre o tema. A filosofia, a sociologia, a religião e a ciência caminham nessa busca constante de resposta para as incógnitas que envolvem o morrer. Segundo Rodrigues (1983, p. 17),

no conjunto das transformações que a humanidade tem sofrido no correr de sua história, duas ao menos permaneceram constantes, opostas, constituintes e complementares: os homens nascem, os homens morrem. As filosofias, as mitologias, as práticas, os rituais se colocaram sempre, como questão urgente e fundamental, a minuciosa discussão dessa obviedade aparente, fornecendo, não obstante, semelhanças de fundo, soluções extraordinariamente diversas. Na escala

das existências individuais, posto que pode ocorrer antes do nascimento, a morte é a única certeza absoluta no domínio da vida; evento derradeiro, cujo peso de acontecimento não pode ser negado, mesmo que se lhe negue o valor de aniquilamento.

Por não poder ser negada como real e absoluta, o homem encontrou caminhos para expressá-la conforme sua cultura a apreendeu. Por essa razão, há modos de representá-la bastante característicos, ao menos para a sociedade ocidental. A imagem comum é de uma figura que traz a escuridão em si mesma, esquelética, envolvida numa manta preta e até, por vezes, com a destra a empunhar uma foice. Essa imagem reforça o temor e a rejeição da morte “como se ela fosse um ascoroso vampiro, em busca de vítimas para imolar, sequioso de luto, apontando a dedo os condenados, indiferentes pelos ricos ou pobres sem uma hesitação.” (IMBASSAHY, 1998, p. 20).

Essa imagem, que se consolidou há anos, nem sempre foi a mesma, principalmente porque, por volta do século XVII, era presente a consciência da morte como parte da vida do homem, uma forma de aceitação da ordem natural da vida. Não havia tabu ao tratar do assunto e a sociedade desse período sujeitava-se às leis da natureza e não “cogitava em evitá-la. Simplesmente a aceitava, apenas com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida devia sempre transpor.” (ARIÈS, 2012, p.50). Até mesmo as crianças, que hoje são afastadas tanto do falar sobre a morte quanto do presenciar cenas em que ela acontece, estavam inseridas no mesmo mundo do adulto, que cultuava o corpo dos falecidos e fazia oferendas para homenageá-los em diversas regiões do México, por exemplo.

No entanto, à medida que os anos passaram, essa mesma aceitação transformou-se na rejeição a que já mencionamos. Segundo Maranhão (1985), essas mudanças levaram o modo de enxergar a morte a uma verdadeira ruptura histórica. “A morte, tão presente, tão doméstica no passado, vai se tornando vergonhosa e objeto de interdição.” (MARANHÃO, 1985, p. 9). Já não se falava ou tratava o cadáver com a normalidade anterior, e o que era tão presente e doméstico no passado, se torna vergonhoso e objeto de repulsa, saindo da posição de aceitação da ordem natural da vida, para causadora de fuga e rejeição constante (MARANHÃO, 1985).

Primeiramente, encontrávamos um sentimento muito antigo, duradouro e intenso de familiaridade com a morte, sem medo ou desespero, mas um meio-termo entre a resignação passiva e a confiança mística; posteriormente, uma transformação mental, social, cultural não só das concepções do homem sobre morrer, mas os meios que ele utilizava para falar do que o rodeava e a literatura era um deles, principalmente porque quando sai do plano real para o ficcional ela é o veículo mais comum para conduzir ideias sobre o tema.

Através da literatura o homem é capaz de representar as respostas de inúmeras interrogações que lhes são suscitadas, e é por meio dessa representação que o indivíduo consegue transpor o que é próprio da vida real para as páginas dos livros ou para a oralidade. É compreendendo como se dá esse processo que podemos perceber como a temática aqui abordada é ficcionalizada e apresentada nos textos. O modo como isso ocorre diz muito sobre o contexto em que a obra está inserida, o estilo de escrita do autor e o público a ser destinada. Segundo Lotterman (2009, p. 08)

na literatura infantil e juvenil, há maior incidência de obras em que a morte é tratada como efeméride, como um acontecimento que, a despeito das consequências que acarreta, não provoca mudança de valores ou conceitos. Nesses casos, a morte é banalizada, não incita reflexões sobre a vida. E mesmo que haja dor, ela rapidamente se esvai: às vezes nem se faz menção ao sofrimento e ao luto. A morte deixa sua marca, mas tal impressão nunca é uma cicatriz: apaga-se com facilidade.

Essas negações nada mais são do que reflexos da higienização pela qual passam os textos antes de serem destinados ao público infantil. O processo de adaptação pelo qual perpas-

sam muitas histórias acaba adequando o texto ao destinatário esperado, por isso há, por vezes, modos diferentes de retratar cenas de morte. A metáfora, o simbolismo, as alegorias e outros mecanismos são sempre utilizados para atenuar as partes em que ela aparece nas obras. No entanto, é por meio dela que muitas verdades sobre a vida e os conflitos que a envolvem podem ser representados. Em se tratando da morte, os textos acabam sendo utilizados de forma exemplar, conforme afirma Aguiar (2010, p. 38):

para a criança, o conto deixa a mensagem de que a morte deve ser considerada um fato natural, mas não gratuito. Quando alguém morre, a vida transforma-se, novos arranjos familiares e sociais organizam-se, daí derivando problemas e necessidades de soluções. A morte, por conseguinte, assegura a continuidade da vida, quer por lhe dar nova conformação, quer porque os que vão deixar lições que nos ajudam a seguir nossos caminhos. Os contos, nesse sentido, são exemplares.

Com a presente afirmação da autora, percebemos que assim como há obras que não dão relevância ao morrer em suas tramas, algumas outras podem abordar o assunto não como algo dispensável, ou utilizado para mera estética. Existem muitas delas em que o tema ocupa um grande espaço da história e atinge a existência do próprio texto, tratando do assunto de modo enfático e permitindo que o leitor reflita sobre os acontecimentos tanto nos limites da narrativa quanto no que é externo a ela.

Nos gêneros em que isso é bastante presente, o conto de fadas e o conto maravilhoso destacam-se. Neles a fantasia ocupa grande espaço na narrativa e os heróis e vilões enfrentam inúmeras desventuras. São obras que os séculos não conseguem destruir e que, a cada geração, são constantemente redescobertas e encantam leitores e ouvintes de todas as idades. Esses textos não têm uma origem exata, ela se perde na poeira dos séculos, mas é certo que são provenientes das narrativas orais que eram contadas e foram colhidas no decorrer dos anos. Muitas vezes, atuavam como moralizantes e eram usados para ensinar boas condutas aos ouvintes e tentar alertá-los acerca dos perigos da vida. No contexto francês, estavam presentes no cotidiano repleto de enfado e cansaço dos camponeses e se tornaram o escape para espantar o tédio dos afazeres domésticos dos mesmos, através de histórias que levantavam questões

com as quais todo o indivíduo que vive em sociedade se vê confrontado: rivalidade de gerações, integração dos mais novos no mundo adulto, tabu do incesto, antagonismo dos sexos. Lidavam com aspectos da vida social e do comportamento humano, como etapas fundamentais da vida, como o nascimento, o namoro, o casamento, a velhice e a morte, e com episódios característicos da vida da maior parte das pessoas. (TRAÇA, 1998, p. 28).

Na França, a primeira coletânea de contos de fadas registrada foi escrita por Charles Perrault, no século XVII, e tinha por título *Contos da mamãe Gansa*. Foi a partir dos estudos de Perrault que, cem anos depois, na Alemanha do século XVIII, as narrativas de contos de fadas foram consideradas como literatura infantil e destinadas a esse público de fato, e se expandiram pela Europa e Américas, graças aos estudos linguísticos realizados por Jacob e Wilhelm Grimm, outros dois nomes indispensáveis ao gênero (COELHO, 1984). Além deles, e o que será aqui observado de modo mais aprofundado, Hans Christian Andersen, no século XIX, foi autor de narrativas que também extrapolaram os limites do tempo.

A tríade mais renomada no universo dos contos de fadas recolheu suas narrativas da tradição oral e trouxe, da vida do povo, muitos temas e realidades em que a luta pela sobrevivência impulsionava os homens às mais diversas ações. Dentre eles, a morte se mostra de maneira bastante recorrente, apesar das diferentes abordagens, que se dão devido às culturas, povos, épocas e influências que cada um recebeu nos períodos de compilação e publicação. Em Perrault, a morte aparece de modo bastante realista, principalmente porque era contra

ela que os camponeses lutavam diariamente. Não era incomum pais abandonarem seus filhos para morrerem de fome porque não tinha como alimentá-los, como ocorre em “O Pequeno Polegar” (1697).

Essa mesma realidade se repete nas histórias dos irmãos Grimm, acrescida de um tom mais grotesco, e por vezes violento. Há narrativas em que cenas de canibalismo aparecem, como em “O noivo bandido” (1812) e outras com assassinatos de crianças.

Apenas nas narrativas de Andersen vemos essa imagem da morte de forma completamente diferente. Não há representações associadas à violência – embora muitos contos a abordem de forma realista –, mas, principalmente, à religião, isto porque os ideais de fé que norteavam a vida de Andersen estavam presentes em seus escritos e em seus textos era visível que eles continham elementos que exaltavam a fé cristã, a sensibilidade, o amor, a fraternidade e capacidade do homem de poder tornar-se generoso.

O escritor representava para crianças, através do texto, com a linguagem do coração e da simplicidade, podendo transmitir o ideal religioso em que acreditava, enxergando a vida como um conjunto de dificuldades que cada um de nós precisa atravessar para chegar ao céu. Coelho (2012, p. 31-32) afirma que há inúmeros valores ideológicos consagrados pelo Romantismo e que podem ser facilmente identificáveis nas histórias desse tão importante autor. Dentre os tais podemos destacar alguns:

a defesa dos direitos iguais, pela anulação das diferenças de classe; valorização do indivíduo por suas qualidades próprias e não por seus privilégios ou atributos sociais; ânsia de expansão do Eu, pela necessidade de conhecimento de novos horizontes e da aceitação de seu Eu pelo outro; consciência da precariedade da vida, da contingência dos seres e das situações; crença na superioridade das coisas naturais em relação às artificiais; etc [...].

Coelho (2012) afirma que “[...] dentro desse universo imaginário, é notório que os contos de Andersen ocupem um lugar privilegiado, não só pelo gênio inventivo do autor, mas pelo húmus humanístico que energiza sua criação novelesca.” (COELHO, 2012, p.6). É este caráter humanitário que envolve toda a sua obra, que é, conforme ainda pontua a autora, “[...] uma das mais notáveis formas de escrita, por retratar o universo fabuloso, criado há quase dois séculos por um genial dinamarquês que teve como matéria-prima uma herança multimilenar, encantando leitores de todas as idades.” (COELHO, 2011, p.1).

Andersen traz em seus textos a mais rica diversidade de sentimentos, desde a dor mais profunda à felicidade que se pode conquistar com sátira, compaixão, humor grotesco ou verdadeiro. Com sua literatura, ele dá ênfase às pequenas bizarras diárias e presentes na vida do homem, além de sugerir caminhos para a reflexão dos problemas sociais.

É visível em sua obra que há uma grande preocupação com a permanência de valores humanos. Andersen buscava demonstrar sua visão de fé cristã por meio da sensibilidade e da delicadeza de narrativas que tinham caráter, por vezes, melancólico, mas que causavam encantamento, e é isto o que será observado na análise do *corpus* escolhido, uma vez que a morte nele é apresentada de modo bastante particular e de grande beleza.

Em se tratando das relações humanas, os contos de Andersen trazem muito da realidade social, que é demarcada por diferenças. E isso só corrobora para que continuemos a pensar que não podemos fugir do fato de que os acontecimentos mostrados nos contos persistem no tempo e chegam até nós de maneira latente, principalmente nos casos de abandono, maus tratos, abuso e descaso em relação às crianças e aos jovens inseridos em pleno século XXI.

Solidão e abandono são as molas propulsoras para o desenrolar da trama no conto “A menininha dos fósforos”, que será analisado a seguir. A história de uma das mais conhecidas personagens de Hans Christian Andersen, que recebeu inúmeras versões e traduções ao longo dos anos e até os presentes dias encanta leitores das mais variadas idades, contando sobre o sofrimento e pobreza de uma menina sozinha nas ruas da Alemanha em pleno e tenebroso inverno.

## A morte como final feliz

“A menininha dos fósforos” (1845) é um dos mais traduzidos e divulgados contos de Hans Christian Andersen para leitores infantis, e também um dos mais ternos e dolorosos textos, porque denuncia a indiferença do mundo em relação aos pobres e desvalidos entregues à própria sorte e às desventuras que a vida pode oferecer. Essa narrativa nos faz refletir questões importantes como o abandono, a miséria, a fome, a inveja, a exclusão, e a própria morte; um dos principais gatilhos para denunciar não só a realidade do próprio texto e da época em que ele foi escrito, como a própria compreensão que se tinha sobre ela na sociedade dinamarquesa do século XIX, influenciada pelos ideais românticos.

O conto traz a história de uma personagem que não possui nome, é somente caracterizada como uma menininha pobre, com longos cabelos loiros que se encaracolavam graciosamente em volta do pescoço. Esta criança está em uma cidade, também não nomeada, em que o frio era terrível e a noite escura. O narrador descreve a garota estando com a cabeça descoberta e pés descalços, caminhando sozinha pela escuridão com somente um chinelo, porque o outro pé foi levado por uma outra criança talvez nas mesmas condições que as da protagonista.

O fato de não ser atribuída nenhuma identidade à menina nos faz pensar que Andersen poderia ter desejado que sua história retratasse o sofrimento diário de muitas crianças com as quais, talvez, ele mesmo tenha se deparado; ou, desejou, de certa forma, retratar também um pouco daquilo que ele mesmo viveu, uma vez que sua infância não fora fácil. A narrativa põe em cena a pobreza e as diferenças socioculturais na Dinamarca e faz um retrato de um mundo onde o abandono e a solidão são companheiros diários dos mais pobres, diferindo-se de muitos outros textos, por fugir do modelo de histórias que apresentam o desfecho tradicional e pré-definido, no qual a protagonista é resgatada de uma determinada realidade para um final feliz em vida e segurança.

“A menininha dos fósforos” (1845) apresenta um desenlace inesperado com a morte da protagonista e esse é o seu final feliz. Enquanto, ao longo do texto, na tentativa de reforçar a imaginação, esperamos que algo mágico aconteça para salvar a criança do frio e da fome, e que o espírito natalino faça com que alguém não somente compre os fósforos da vendedora, mas a leve para casa, Andersen desmonta nossas expectativas ao longo do texto e, principalmente, em seu desfecho, já que nada acontece para mudar a situação da menina enquanto ela tem visões que rapidamente se esvaem.

A história de vida da personagem, mesmo nas páginas de um livro, reflete como sofrem os marginalizados e mostra, diferentemente do que comumente esperamos, que a solução para a situação em que ela se encontrava foi a morte. Foi com esse fim que se tornou real a possibilidade permanecer ao lado de sua avó em outro espaço, que não o terreno. No conto, o narrador tematiza a trajetória da criança pobre em busca da aceitação social e familiar e do amor. Segundo Oliveira (2009), expõe a situação de uma menina que leva o leitor a acreditar que o que está sendo narrado é real, uma vez que o texto

[...] se vale de palavras para descrever a inclemência da natureza, representada pelo frio, pela neve e pelo breu que acompanhava a criança, elementos capazes de comover o leitor, levando-o a imaginar a cena mentalmente. (OLIVEIRA, 2009, p. 107).

Essa capacidade de descrever com detalhes o universo de suas narrativas fez de Andersen um notável escritor. Presenciando um período em que a ascensão econômica acontecia através da expansão industrial e da classe dos operários que se formava, o escritor pôde vivenciar os contrastes da fartura daqueles que viviam em melhores condições de vida ao lado da escassez dos que nada tinham. Ele mesmo fez parte desse grupo de pessoas e viu, de perto, a pobreza organizada em sistema. Suas histórias mostram que a maneira de reagir a essas circunstâncias não foi expondo revolta diante das injustiças sociais, mas demonstrando resignação e refúgio na fé religiosa. Andersen salienta a pobreza entre seus temas e ele a descreve, mas não “como um burguês mais ou menos indiferente, antes vai buscá-la às recordações



amargas da infância e da juventude, pois conheceu-a bem e sofreu-a dolorosamente.” (DUARTE, 1995, p. 80).

Rompendo com os padrões da época em que vivia, o conto aqui destacado também volta o nosso olhar para a sociedade em que estamos inseridos. A atemporalidade do texto faz com que não nos prendamos a Dinamarca, mas que tragamos a história da menina dos fósforos para os nossos dias, exatamente por tratar das questões de abandonos e pobreza e nos fazer refletir sobre como as mazelas sociais aumentam ao nosso redor. Para Tatar (2013, p.294),

poucas histórias para crianças celebram o sofrimento com o tipo de paixão deste conto sobre uma vendedora de fósforos. A criança frágil e desamparada que morre de frio na véspera do ano novo tornou-se uma espécie de ícone cultural, a vítima de um pai brutal (muito mais cruel que os ogros e bichos-papões dos contos de fadas) e de uma sociedade desalmada. Até a natureza lhe volta as costas, não lhe oferecendo abrigo nem sustento. A mágica dos contos de fadas desaparece, e a salvação chega apenas na forma da intervenção divina.

É com essa intervenção que a alegria da menina é devolvida e ela passa a estar em segurança e, agora, feliz, uma vez que seu sofrimento chegaria ao fim e ela não precisaria permanecer no abandono que a sociedade desalmada a deixou. Além dessas considerações, Tatar (2013) nos leva a pensar sobre a importância do narrador para a construção do presente texto, uma vez que ele nos transporta para o mundo mental da heroína, e nos permite refletir sobre sua dor à medida que a temperatura diminui e o vento se faz ainda mais gelado. Através da leitura, partilhamos das mesmas visões que tem a menina ao longo de sua fria e última noite. Primeiro de calor provocado por ter um fósforo aceso, depois de alimento e, finalmente, de afeição e compaixão humana. “Se a imagem final da história nos apresenta um cadáver congelado, a morte da pequena vendedora de fósforos é ainda assim uma ‘bela morte’, envolta em espiritualidade radiante de significado transcendente.” (TATAR, 2013, p. 294).

O longo caminho da menina no decorrer da narrativa reflete o paradigma social e familiar de uma criança que precisa sair às ruas e nelas continuar até que consiga levar algum dinheiro ou mantimento para casa; situação que, muitas vezes, não acontecia, uma vez que ninguém comprava seus fósforos. O início de sua trajetória demonstra quão dificultosa seria sua noite, primeiro porque durante todo o dia não conseguira vender nada, segundo porque depois de um dia inteiro de luta, a fome, o frio e a tristeza eram suas únicas companhias:

agora ia pela rua a menininha de pezinhos descalços, que estavam roxos de frio. No velho e gasto avental levava uma quantidade de fósforos e na mão segurava um molho deles. Durante todo o dia, ninguém lhe tinha comprado um. Ninguém lhe dera um pequeno xelim. Com fome e enregelada, a pobrezinha caminhava muito infeliz! (ANDERSEN, 2011, p. 276).

Tais caracterizações demonstram a pobreza em que ela vivia. Usando um avental velho, a criança carregava consigo os pequenos fósforos. Com o frio intenso, ela procura se proteger em um canto afastado entre duas casas. Puxava as perninhas para perto do corpo na tentativa de aquecer-se, mas ainda era insuportável o frio que sentia. Foi então que teve a ideia de acender um fósforo para se aquecer. Nesse momento, a sua ação abre espaço na narrativa para as mudanças internas que ocorreriam com a garota. Através dos fósforos, além de aquecer-se, ela passa a enxergar um universo que era somente seu: “Como irradiou, como ardeu! Era uma chama clara, quente, como uma pequena vela, quando lhe pôs a mão ao redor. Era uma luz maravilhosa!” (ANDERSEN, 2011, p. 277). Assim que o primeiro fósforo é aceso, a garotinha começa a ter suaves devaneios. O primeiro pode ser observado no trecho a seguir e demonstra a sua principal necessidade, o calor:

Pareceu à menininha que estava sentada diante de um grande fogão de ferro com esferas brilhantes de bronze e com rolos também de bronze (...). A pequena já estendia os pés para também os aquecer. Quando a chama se apagou, o fogão desapareceu. (ANDERSEN, 2011, p.277).

A durabilidade da chama é também o tempo de suas visões. À medida que a menina vai acendendo novos fósforos para manter-se aquecida, novas imagens vão sendo criadas e outras apagadas. Nesse trecho, Andersen nos mostra quão presente é o universo maravilhoso em todo o texto. A ideia da transformação das pequenas chamas, que influencia sobremaneira os sentidos da menina, nos impulsiona a questionar se as visões que se desdobram à frente da personagem estão, de fato, acontecendo ou se não passam de meros devaneios de alguém, compreensíveis à circunstância em que se encontrava a pobre menina. As passagens comprovam o fato de que a imaginação pode ser uma arma contra as mazelas da vida, mesmo as mais duras e irreversíveis.

A segunda chama torna transparente as paredes da casa em que se protegia, e lá dentro ela vê uma mesa de jantar com um delicioso ganso assado, recheado de ameixas secas e maçãs, a cena revela, assim, um segundo desejo, o de comida. Ao contrário do que se espera, não é a garota que se dirige até a mesa, mas as próprias comidas que vêm em sua direção, como em um sonho ou delírio:

Riscou outro, que ardeu e luziu. E, quando o clarão incidiu na parede, esta tornou-se transparente como um tule. Olhou para dentro da casa onde a mesa estava posta com louça de porcelana fina sobre uma brilhante toalha branca. Maravilhosamente, exalava um ganso assado, recheado com passas de ameixas e maçãs! O ganso saltou da travessa, saracoteando-se pelo chão, com o garfo e a faca espetados no lombo, que foi ainda mais maravilhoso. Dirigiu-se diretamente para a menininha. Mas quando o fósforo se apagou, ela só viu a espessa parede fria. (ANDERSEN, 2011, p. 277).

O narrador da história descreve, minuciosamente, a imagem que se passava pela mente da menina. A mesa posta denuncia a fome e a necessidade de abrigo. O ganso que cria vida não se dirige a ninguém que está na casa, mas à pobre criança, que tem pouco tempo para apreciar aquilo que parecia real, mas só o era em suas fantasias. Quando o fósforo se apaga ela passa a somente enxergar sua realidade crua em uma parede espessa e fria. Sendo assim, para espantá-la, ela acende o próximo e ao fazer isso, vê-se sentada sob a mais bela árvore de natal, na qual brilhavam velas e figuras que deixavam o lugar ainda mais belo. A visão da árvore, nos leva a pensar na necessidade de acolhimento, na esperança de que sua noite terminasse com um retrato comum à noite fria de fim de ano descrita no texto e daqueles que vivem bem e em família; com os brilhos natalinos, a mesa posta e a lareira acesa:

Acendeu outro. Estava sentada sob a mais bela árvore de Natal. Era ainda maior e mais ornamentada do que aquela que vira pela porta envidraçada na casa do comerciante rico no último Natal. Milhares de velas brilhavam nos ramos verdes e figuras variadas como aquelas que decoravam as vitrines das lojas olhavam para baixo, para ela. A pequena vendedora estendeu ambas as mãos no ar ... Logo o fósforo apagou. As muitas luzes do Natal subiram mais e mais alto. Viu, então, que eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e fez um longo risco de fogo no céu. – Alguém está morrendo! – disse a pequena. A velha avó, a única pessoa que tinha sido boa para ela, mas agora estava morta, dissera: “quando uma estrela cai, uma alma sobe para Deus. (ANDERSEN, 2011, p. 277).

É a partir desse trecho que percebemos como a voz narrativa conduz o leitor ao desfecho da história e é nele que vemos aparecer os primeiros sinais de morte no texto. No momento em que a menina afirma que quando uma estrela cai alguém está morrendo, o leitor pode compreender, como indício de antecipação, o prenúncio da morte da garota. Sua avó, já falecida, houvera dito que ao avistar uma estrela cadente, a menina deveria saber que uma alma subira para Deus.

Durante o século XIX, as concepções de morte sofreram grandes transformações, dentre elas a compreensão de que ela era fruto da vontade de Deus, e, por isso, quando morriam, as pessoas eram levadas até Ele. Essa mesma ideia é vista em muitas outras narrativas de Andersen, como “O Anjo” (1843), “A criança na sepultura” (1859), “A história de uma mãe” (1847-1848), nas quais a morte das protagonistas sempre é associada ao Divino e é aceita como tal, embora haja o desespero, a dramaticidade e a não aceitação por parte das demais personagens quanto ao falecimento. No âmbito da história supracitada, não há essa rejeição à ideia do morrer porque a protagonista encontra-se sozinha e é apenas mais uma vítima da realidade, na qual era comum que muitas crianças morressem pelos mais variados motivos.

A partir do momento em que inicia a trajetória da morte da menina, há uma nova riqueza de detalhes a serem observados, e são essas particularidades que nos fazem perceber quão sensível é a escrita de Andersen. O modo como o autor representa a morte está embebido de todos os seus ideais cristãos, por isso não há, neste conto, uma rejeição ao tratar da temática, mas ela é representada enquanto possibilidade de redenção para a menina, sendo vista como a passagem de um estágio da vida para outro, nesse caso, para o céu, que é classificado pelo narrador como o lugar em que Deus habita.

Ao acender o último fósforo – aquele que revela a necessidade de carinho, afeto e companhia – a avó aparece na trama, e sua presença é o que faz com que a garota busque incessantemente acender os últimos fósforos na tentativa de manter a imagem por mais tempo do que as anteriores, que logo se desfizeram. Além de desejar vê-la, ela anseia estar com a senhora nesse outro universo e o pedido é feito de forma bastante direta e significativa quando a garota reproduz “leva-me contigo”.

Para nós, leitores, é inevitável inferir que esse pedido só poderia ser realizado caso a menina morresse. Sua fala não é marcada apenas pela surpresa ao rever a avó que tanto sentira falta, mas surge como um pedido de socorro, um desejo de mudança, e isso é percebido quando a garota afirma que saberá que a vó irá desaparecer quando a chama do fósforo apagar, assim como todas as outras visões se foram. Mesmo consciente disso, ela decide acender mais um para continuar vendo sua única representação de afeto e poder ir ao seu encontro. Nesse trecho, percebemos que a menina transita tanto pela fantasia quanto pela realidade. Enquanto deseja a presença de sua avó, ela recorda as visões que teve e reconhece que a imagem de sua única boa companhia logo desaparecerá:

Riscou na parede, outra vez, outro fósforo, que iluminou em redor, e no seu fulgor estava de pé a velha avó, tão clara, tão luminosa, tão doce e feliz. – Avó! – gritou a pequena. – Leva-me contigo! Sei que te irás quando se apagar o fósforo. Que te irás como o fogão quente, o belo assado e a grande e maravilhosa árvore de Natal! (ANDERSEN, 2011, p. 278).

A menina sabia que, como o fogo, o calor, a comida, a avó também não permaneceria por muito tempo; então não perde a oportunidade de pedir para partir junto com ela, mesmo que isso custasse sua própria vida. É significativo observar que a pequena menina não pede para morrer e também não parece saber que seu pedido a levaria à morte, ela apenas deseja sair da realidade de frio, fome e solidão, para outra melhor. Somos nós, à medida que lemos a narrativa, que compreendemos quais as consequências desse pedido.

Nesse momento, ao tratar da morte, o narrador a representa de duas formas. Inicialmente ela é vista de modo metafórico e simbólico, em se tratando da descrição pelo viés da protagonista, e na segunda, sem metáforas e de modo mais realista, pelo viés das demais per-

sonagens que encontram, no dia seguinte, o corpo da menina já falecido. O momento em que ela morre simbolicamente é marcado pelo trecho em que ela e a avó voaram em esplendor e júbilo para um lugar em que não havia frio, fome ou medo, o paraíso. A jovem não risca simplesmente os últimos fósforos, mas apressadamente, demonstrando sua necessidade imediata de reencontrar a avó que a resgataria e a levaria para uma realidade diferente da que ela se encontrava:

Riscou apressadamente o resto dos fósforos que estavam no molho. Queria que a avó ficasse. Os fósforos arderam com tamanha intensidade que clareou mais do que o próprio dia. A avó nunca tinha sido tão bela, tão grande! Levantou a menininha nos braços e ambas voaram em esplendor e júbilo tão alto, tão alto! Lá não havia frio algum, fome alguma, medo algum. Estavam com Deus. (ANDERSEN, 2011, p. 278).

É expressivo o modo como o narrador descreve a alegria da menina. A visão de sua avó parece ser mais intensa do que todas as outras tidas anteriormente. A senhora é descrita como **tão bela e tão grande** e elas voam em esplendor e júbilo **tão alto**. As sensações agora são outras, não se fala mais na fome, no frio, ou na infelicidade, e a chama do fósforo não torna a apagar, como ocorrera anteriormente. Agora, simbolicamente, elas estavam com Deus, e a morte é, de fato, representada como um rito de passagem para um novo lar, esse sem desventuras.

Representar a morte como o ato de voar nos dá a ideia da metáfora que o narrador constrói em torno do acontecido. Essa ideia de atribuir à morte uma nova significação como o próprio voar, **ir morar com Deus, partir desta para uma melhor, descansar**, entre outras expressões, é bastante presente em nossa cultura, principalmente porque ameniza todo o peso que a morte exerce no homem.

A cena em que há a descrição do momento em que a menina parte, por estar envolvida em toda uma simbologia e sensibilidade, suaviza o fato de ela estar morta pelas circunstâncias em que se encontrava. A cena de solidão e frieza não são colocadas em ênfase, uma vez que agora a garota estava de fato feliz em um lugar onde não havia nenhum sofrimento como o que foi enfrentado durante seus dias de vida.

No entanto, em seguida, essa mesma visão de morte passa a ser descrita por meio do olhar das pessoas que passavam pelo local e encontravam não uma garotinha feliz brincando com sua avó, mas um cadáver. Já não há mais a simbologia, mas a crua realidade da morte. Nesse momento, parece-nos haver um contraste entre o que se passou na imaginação da garota e o que, de fato, acontecia no mundo ao seu redor; e isso pode ser percebido no trecho em que o narrador afirma que ninguém jamais saberia das belas coisas que a garota tinha vivido e do esplendor com que ela e sua avó haviam partido.

Agora a visão que as demais personagens do conto têm dela é descrita de modo realista e é demarcada pela expressão **morta, enregelada**, como veremos no trecho adiante. Já não há metáforas para descrever o corpo ou a própria menina, que é, agora, um cadáver gelado pela circunstância em que estava e pelo frio que a tomava. Os passantes não parecem demonstrar apego por aquilo que pudera ser uma perda eventual. Por essa razão, quando descreve a imagem da garota morta, o narrador nos mostra que as pessoas apenas param para contemplar o corpo sem vida, mas sem comoção, desespero ou tristeza, apenas observam os palitos já queimados e supõem que seu objetivo era se aquecer:

No canto da casa, sentada, na madrugada fria, a menininha, faces vermelhas e um sorriso nos lábios. Morta, enregelada, na última noite do ano velho. A manhã do Ano-Novo ergueu-se sobre o pequeno cadáver sentado com os seus fósforos, um punhado dos quais queimado. – Quis aquecer-se! – disseram. Ninguém jamais soube das belas coisas que viu, nem do esplendor e do júbilo com que ela e a velha avó tinham entrado no ano novo. (ANDERSEN, 2011, p. 278).

Para a cultura ocidental-cristã, a morte não é o fim de todas as coisas. Muitas correntes religiosas pregam a existência para além da morte, e os ideais de fé cristão que influenciaram a vida de Andersen o fizeram descrever a morte como um meio para a libertação de uma vida de sofrimento. A personagem, ao final da obra, transcende do plano terreno para o espiritual na companhia de sua avó. A própria descrição dessa cena nos remete não à morte como finitude, mas a uma ascendência em direção ao céu.

A história termina com a menininha agora morta, mas ainda sorridente e de faces vermelhas, porque a entrada do novo ano para ela foi marcada por um misto de sensações, imaginação, sofrimento e beleza. E essas são peças fundamentais para as histórias escritas por Andersen. Nesta percebemos que não há tantos trechos na obra que mostram a morte enfaticamente, no entanto, nas partes em que ela é descrita ou anunciada vemos quanta beleza há em retratar um tema que causa tanto estranhamento e esquivar por parte dos leitores.

A história da menina dos fósforos valida o fato de Andersen ser reconhecido como o criador de uma nova literatura, um redescobridor. Isto porque seus textos, diferentemente dos contos de fadas tradicionais, nem sempre apresentam finais felizes. Segundo Oliveira (2009), o principal objetivo dessas histórias é apresentar o confronto desigual entre os poderosos e os fracos, nas ações individuais de cada um. Essas inovações e transformações nos elementos estruturais das narrativas transformaram Andersen no responsável pela renovação do conto de fadas e possibilitaram uma ampliação de seus limites para receber novos desejos e fantasias.

No término da história da menina dos fósforos não há aconchego físico, uma família e um jantar de natal, mas, pelo olhar seco da realidade, há a morte de uma criança vítima do abandono, da fome, frio e solidão. Em contraposição a esse olhar realista, o narrador enxerga a menina com a beleza da infância, apesar do sofrimento, e embora morta, ele a descreve com faces sorridentes. Aquela criança encontrou-se com sua avó amada e agora não precisaria sofrer mais com as dores do seu cotidiano pois estava em um lugar especial, ao lado de Deus.

Tendo em vista o fato de Andersen imprimir aos seus textos muito dos seus ideais de fé e suas crenças, percebemos que a visão religiosa é um forte influente para a aceitação de que a história é concluída com um final feliz. Conforme mencionado anteriormente, para os valores e concepções cristãs, a morte está diretamente ligada ao encontro com Deus, e essa espera pelo paraíso e sua chegada até ele é um grande símbolo de fé e de felicidade. E é exatamente isso que acontece com a menininha dos fósforos; sua trajetória termina quando ela e sua avó voam ao encontro dos céus e, respectivamente, de Deus, para um novo lar sem todos os sofrimentos por elas já passados.

Ela deixa seu legado aos leitores, demonstrando a pureza e força apesar das circunstâncias adversas, pois o frio, a solidão, o abandono e a fome não a impediram de sonhar a cada vez que um novo fósforo era aceso. Mesmo que as demais personagens do texto só tenham se aproximado da menina depois que já falecera, ela pôde contar com a companhia de todas as suas visões e de sua avó, que sai do campo do imaginário e a leva consigo para o descanso.

## **Considerações Finais**

A literatura é um dos caminhos mais utilizados pelo homem para ficcionalizar aquilo que é próprio da realidade e tornar real o que está para a ficção, por meio da representação. No universo literário, um autor é capaz de discorrer sobre os mais variados temas através da ficção e da vida de personagens e textos que não se prendem às barreiras espaciais e temporais e ficam marcados na mente humana, como fontes de inspiração, denúncia da realidade e um caminho para tratar sobre a própria natureza do homem e os questionamentos que a envolve.

Ao longo do presente texto, traçamos alguns caminhos acerca de um dos temas mais presentes na literatura e, inevitavelmente, na vida do ser humano. Tratamos da morte e suas representações ao longo do tempo e pudemos perceber como as noções de cultura e identidade de um povo são determinantes para que essa compreensão sobre a morte e o morrer sejam formuladas ao longo da história.

No decorrer do artigo, observamos que os conceitos de morte variam no decorrer das épocas. Autores como Ariès (2012) e Imbasahy (1998) elencaram considerações que compro-

vam como a ideia de morte foi variante em cada século, causando ao homem sentimentos de medo, aceitação, exaltação e rejeição.

Se a cada passar de anos a morte sempre esteve presente na vida do homem, era inevitável que ela também estivesse no mundo da literatura, principalmente porque é o literário um dos principais caminhos para a representação. Dentro desse contexto, também pudemos constatar que são inúmeras as obras que tratam sobre o tema, seja de forma direta e realista, ou simbólica e eufêmica. O que sabe-se, de fato, é que em muitas obras, independente do público ao qual ela se destina, a morte acaba sendo uma grande personagem. Tendo em vista essa possibilidade de ser parte de obras para as mais variadas idades, destacamos sua presença, também, no universo infantil. Desde muito, o tema faz parte dos mitos, fábulas, contos e outros gêneros literários destinados à criança.

Como a arte de narrar é parte do próprio homem, as histórias são veículos que têm a morte como grande passageira. Por meio da tradição oral, muitos homens e mulheres contaram tramas de aventuras, desventuras e também de morte. Dentro desse conjunto, as narrativas populares são textos em que a temática se faz bastante presente, principalmente porque era por meio das narrativas que os povos contavam sobre as lutas que enfrentavam contra a própria morte e as demais dificuldades que vivenciavam. Alguns nomes foram bastante relevantes na compilação e autoria dessas histórias e, dentre eles está Hans Christian Andersen, autor da narrativa analisada no presente texto e que, através da vida de uma menina pobre, denuncia a realidade e representa a morte sob alguns aspectos.

O conto “A menininha dos fósforos” narra a dor e sofrimento de uma criança em pleno inverno dinamarquês. A sua morte nos faz pensar sobre a efemeridade da vida, as diferenças sociais que nos cercam e sobre como o morrer está construído no texto, uma vez que, na história, há um eufemismo para tratar do tema, embora ele seja apresentado em uma circunstância bastante real de pobreza, abandono e dor. Com a história de uma garota que se protege do frio com pequenos fósforos, pudemos perceber um pouco da abordagem de Andersen sobre a morte e como as imagens do texto tornam bela a trajetória da protagonista em todas as suas desventuras.

Por meio da voz narrativa e da ambientação em que o morrer acontece, destacamos que Andersen aborda o evento em duas perspectivas. Na primeira a morte é representada de modo **metafórico**, percebido no momento em que a menina encontra-se com sua avó a voa pelos ares para junto de Deus, bem como na relação existente entre a estrela cadente e a morte de alguém (no desdobrar do texto, percebemos o prenúncio à morte da própria protagonista), e na segunda ela é vista de modo **realista**, que é destacado pelo momento em que as pessoas se depararam com um cadáver enregelado de uma criança que morreu devido ao frio intenso e, talvez, à fome.

O término é marcado pelo momento em que a menina suplica que sua avó a leve para junto de si, na tentativa de não vê-la sumir como todas as visões que houvera tido. Assim que isso acontece, a menina voa pelos ares para o paraíso. A compreensão de que a morte era fruto da vontade de Deus e de que aqueles que morriam partiam para junto dele é bastante característica do século XIX, no qual a obra foi escrita. Por isso, e principalmente pela educação cristã que recebera, grande parte das narrativas de Andersen trazem a morte associada a Deus, ao céu e como a forma de ver os sofrimentos de suas personagens chegarem ao fim. No âmbito da história supracitada, pudemos ver que morrer foi o real final feliz para a menina, porque foi por meio disso que ela pôde ir para o paraíso com quem a amava.

O fato de não ter se prendido ao uso comum do felizes sempre o destacou entre outros autores de contos maravilhosos e de fadas. Muitas de suas histórias apresentam desfechos trágicos, e a da menina dos fósforos não seria diferente. A personagem é apresentada em um quadro de miséria, solidão e sofrimento, e, descalça, reflete uma emblemática imagem para um autor filho de sapateiro. O aspecto realista descrito na narrativa - um corpo congelado em plena rua - foi suavizado em muitas outras versões em que a história termina no momento em que a garotinha é tomada nos braços pela avó e ambas voam para o céu, onde não há frio, fome ou dor.

Em sua obra, Andersen trouxe a beleza da bondade e da misericórdia e mostrou aos

seus leitores a vida de crianças que, assim como a protagonista aqui vista, passavam por inúmeras desventuras, mas não perdiam o encantamento e a esperança de viver dias melhores, sejam eles em família ou ao lado de Deus.

Certo da imortalidade da alma, ele levou para o céu muitas de suas personagens oprimidas pela situação física e social em que se encontravam. Por meio de linguagens metafóricas, ele traz às narrativas o que é perpassado pela religião, mas também o que transcende a ela quando tem como foco principal apresentar o confronto desigual entre pobres e ricos, poderosos e fracos, no comportamento de cada um. Sua obra é, sem dúvida, um convite à sensibilidade.

## Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. **A morte na literatura: da tradição ao mundo infantil**. In: AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, L.J; MARTHA, A.A.P. (Orgs.) *Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Cultura Acadêmica. ANEP, 2010.

ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte. – São Paulo: Paulinas, 2011.

ARIÉS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Tradução de Priscila Viana Siqueira. 2a ed. Lisboa: Teorema, 2012.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo : Editora Ática, 2012.

COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Quíron, 1984.

DUARTE, Silva. **Andersen e a sua obra**. Lisboa, Portugal, Livros Horizonte, 1995.

IMBASSAHY, Carlos. **O que é a morte**. Distrito Federal: EDICEL, 1998.

LOTTERMANN, Clarice. Representações da morte na literatura infantil e juvenil brasileira. In: **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. **O que é morte?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1992 (Coleção Primeiros Passos).

OLIVEIRA, Véra Beatriz Medeiros Bertol de. **A representação da criança nos contos de Hans Christian Andersen: o desvelar de um paradigma**. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Letras/ Estudos literários) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná. Disponibilidade em: <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/vbmboliveira.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2020.

PINHEIRO, Nárgyla Maria Lourenção Pimenta. **Como você está diferente, vovó! Aspectos sócio-históricos dos contos populares**. (Dissertação de mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução de Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. – Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RISCADO, Leonor. Hans Christian Andersen – da Dinamarca para o Mundo In: **O Bloco de Nautas – XVI Encontro de Literatura para Crianças**, Lisboa, F.C.G., 2005, pp. 97-107. Disponibili-

dade em: [http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot\\_andersen\\_mundo\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/ot_andersen_mundo_a.pdf). Acesso em: 10 jul. 2020.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

TATAR, Maria. **Conto de fadas**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

TRAÇA, Maria Emília. **O Fio da Memória – do conto popular ao conto para crianças**. 2ed. Porto: Porto Editora, 1998.

Recebido em 13 de julho de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.